

MATA INTEIRA E AS CULTURAS VIVAS NA UFBA

Confluências epistemológicas através da Roda

Gabriella Caetano
Firmino¹ Universidade Federal da Bahia
gabriellacaetano.22@gmail.com
GT12 - Etnomusicologia Negra
Amplificando Vozes

Resumo: As confluências das culturas vivas são de grande valia no resgate e valorização de outras epistemologias, isto é, outras formas de se contar a nossa história. Para tal feito, a Roda estabelece um espaço de compartilhamento desses saberes e celebração da ancestralidade afro-originária, historicamente, marginalizada, subalternizada e silenciada no Brasil. Fundamentando esta ideia, o Mestre quilombola Nêgo Bispo contribui com a palavra-conceito de *confluência* para pensar o envolvimento em diversidades, sob uma perspectiva contra-colonial. Dessa maneira, o projeto *Mata Inteira e as Culturas Vivas na UFBA*, teve o objetivo de conectar e fortalecer o vínculo sócio-cultural da Universidade Federal da Bahia com o Centro Cultural Mata Inteira, aquilombamento urbano localizado no campus de Ondina, com sede na área preservada de Mata Atlântica. Nesse sentido, bem como na perspectiva de quilombo de Beatriz Nascimento, as Rodas foram produzidas comprometidas em criar espaços de pertencimento, integrando manifestações como o Jongo, o Samba de Roda, o Coco e a Capoeira. O processo foi documentado através de registros fonográficos, fotográficos e relatos de experiência que fundamentam este artigo.

Palavras-chave: Mata Inteira; Confluências; Práticas contra-coloniais.

THE ENTIRE FOREST AND LIVING CULTURES AT UFBA

Epistemological confluences through the Circle

Abstract: The confluence of living cultures is of great value in the recovery and appreciation of other epistemologies, that is, other ways of telling our history. To this end, the Circle establishes a space for sharing this knowledge and celebrating Afro-descendant ancestry, which has historically been marginalized, subalternized, and silenced in Brazil. Based on this idea, Quilombola Master Nêgo Bispo contributes the concept of confluence to think about involvement in diversity from a counter-colonial perspective. In this way, the Mata Inteira and Living Cultures project at UFBA aimed to connect and strengthen the socio-cultural link between the Federal University of Bahia and the Mata Inteira Cultural Center, an urban quilombo located on the Ondina campus, based in the preserved area of the Atlantic Forest. In this sense, as well as in Beatriz Nascimento's quilombo perspective, the Circles were produced with a commitment to creating spaces of belonging, integrating manifestations such as Jongo, Samba de Roda, Coco, and Capoeira. The process was documented through phonographic and photographic records and experience reports that form the basis of this article.

Keywords: Mata Inteira; Confluences; Counter-colonial practices.

¹ Apresentada pelo nome artístico Bruxa.

Introdução

O presente artigo tem a função de documentar o projeto *Mata Inteira e as Culturas Vivas na UFBA: Confluências epistemológicas através da Roda*, realizado mediante a aprovação no PIBExA (Edital do Programa Institucional de Experimentação Artística), programa da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que fomenta propostas de experimentação artística estudantis e prevê a apresentação das obras criadas. Para concorrer ao recurso, foi elaborada uma proposta que articula o Samba da Mata e a Roda de Confluências, com o objetivo de fortalecer o vínculo sócio-cultural entre o Centro Cultural Mata Inteira e a UFBA, e oferecer um espaço de experimentação, memória e compartilhamento das musicalidades que expressam uma identidade cultural, e celebram tradições e saberes afro-originários.

Antônio Bispo dos Santos, pensador quilombola, foi liderança do Quilombo Saco-Curtume, no Piauí. Partindo de uma perspectiva contra-colonial, Nêgo Bispo introduziu a palavra-conceito *confluência* para pensar o envolvimento em diversidades. Nesse sentido, a articulação entre as musicalidades das culturas vivas pressupõe a criação de espaços de pertencimento para a expressão artística comunitária. Realizar esse projeto cultural dentro da universidade, é somar força na virada epistemológica em que o centro da roda é habitado pelas narrativas das pessoas e comunidades, historicamente subalternizadas. A proposição semeada por Nêgo Bispo, ao contrariar a ideia de desenvolvimento, encontra essa produção em uma perspectiva contra-colonial de envolvimento, em que a Roda atua como estratégia de articulação política pelo direito à presença e memória.

Essa discussão tem ganhado importância no atual cenário da UFBA, em que passamos por uma virada de paradigma que celebra a diversidade cultural e promoção da extensão das políticas de cotas. Com a implementação do Prêmio Notório Saber e a movimentação da comunidade acadêmica pela justiça social e equidade racial no ensino superior. A conexão com o aquilombamento urbano Mata Inteira, fortalece o vínculo da extensão, em que a Universidade atua unida com a comunidade em que está inserida. Comprometendo-se com a necessidade de estabelecer espaços de pertencimento pleno das pessoas que carregam a ancestralidade afro-brasileira, e sobretudo, originária e guardiã dessa terra.

O projeto consistiu em duas Rodas no ano de 2025: em setembro no Congresso *Imaginar Futuros* da UFBA e no Novembro Negro da Escola de Música da UFBA (EMUS). O processo foi documentado através de registros fonográficos, fotográficos e relatos de

experiência. Esse trabalho também foi aprimorado com a orientação do Mestre Luizão, que concedeu entrevistas sobre a história da Mata Inteira e afinou a bússola de como atuar na preservação cultural e ambiental de maneira coletiva e, principalmente, aquilombada. De fato, a escrita do artigo e a realização do projeto são resultados dos atravessamentos vividos com esse território vivo e com a comunidade do seu Centro Cultural.

A Mata Inteira

O Centro Cultural Mata Inteira é um ponto de cultura e preservação ambiental da cidade de Salvador, localizado atrás do prédio da Escola de Dança da UFBA, em uma porção de Mata Atlântica dentro do campus de Ondina. Porém, quando falo da Mata Inteira, *no feminino*, faço referência ao território vivo, isto é, dotado de todo um ecossistema que o compõe, e o cria. Sob essa compreensão, apresento Ivan Machado, músico que dedicou a vida à preservação da Mata onde cresceu. Antigamente, a região do bairro de Ondina era conhecida como Fazenda Areia Preta². Os antepassados de Ivan trabalhavam nessas terras, e o seu vínculo com este território vem desde a sua infância. Ele era percussionista e trabalhou na Escola de Dança, onde oferecia oficinas de ritmos afro-brasileiros. A circulação era livre, e o movimento passou a ser construído por pessoas da comunidade, sem necessariamente ter um vínculo com a universidade. Porém, esse fator foi um ponto de tensão entre a UFBA e a Mata Inteira, o que influenciou sua saída da sala de aula, e em 2001, a ocupação do casebre abandonado, utilizado anteriormente como depósito de lixo veterinário. Foi realizada a limpeza do espaço com a água do mar. Depois, o terreiro foi benzido e os Orixás Ogum, Omolu e Ossain foram assentados. A fogueira também foi firmada e tem grande importância no território até os dias de hoje, servindo diariamente no preparo de alimentos e remédios fitoterápicos oferecidos à comunidade. Com o falecimento de Ivan Machado em 2012, o legado foi passado a um dos seus primeiros alunos. Atualmente, o Mestre Luizão Negão, nativo do Alto da Sereia³, cuida da Mata e lidera o Centro Cultural, oferecendo oficinas de percussão afro-brasileira, semanalmente. E,

² No final do século XIX, o suíço Frederico Meuron ganhou a propriedade dessas terras como indenização pelas perdas na Batalha de Pirajá. A fortuna de Meuron foi construída através da utilização de mão de obra escrava no cultivo e fabricação do rapé.

³ O Alto da Sereia é um território histórico, nascendo como comunidade de pescadores. Está localizado em um morro que surge entre a praia da Sereia e a praia da Paciência, no Rio Vermelho, em Salvador. Antes de ter esse nome, foi chamado de Canzuá e Alto de Bibiano. Nesse território nasceu a festa do 2 de fevereiro, em homenagem à Orixá protetora do mar e dos pescadores, Yemanjá.

mensalmente, o Samba da Mata. Samba de Roda realizado de forma independente e aberta ao público. Nesse momento, com a 5ª geração da Mata, o ponto de cultura e preservação retoma as atividades após a pandemia do coronavírus. Porém, as condições precárias da ocupação e o relacionamento com a Universidade Federal da Bahia demonstram como as pessoas que carregam essa ancestralidade continuam à margem dos recursos e dos direitos. A pontuação do Mestre Luizão (2025): “cuidado com a ganância”, foi exemplificada com casos de pesquisas e ações acadêmicas vinculadas à Mata Inteira, mas sem o devido retorno para a continuidade do Centro Cultural, e principalmente, contrapartidas para fortalecer a comunidade que sustenta esse legado. Portanto, quando visitar a Mata Inteira, leia as sinalizações da trilha, e se possível leve frutas para o lanche coletivo. Apresente-se ao Mestre e assine o livro de presença. Ao entrar na Roda, peça licença a quem chegou ali primeiro. Se pedir licença ao tambor, estará pedindo licença a todos ali presentes.

Em agosto de 2024, conheci a Mata e passei a acompanhar a agenda cultural, que por sinal, é rica e diversa⁴. Frequentando assiduamente percebi que entre as atividades do centro cultural, espontaneamente, surge uma roda: do silêncio ao batuque, firmamos um canto coletivo, contador de memórias. Em abril de 2025, aconteceu a oficina de confecção de saias⁵ com a Mãe Conceição de Ogum⁶, e ao finalizar, começamos uma roda espontânea, alimentada pelas contribuições de cada integrante. Entre palmas, cantos, toques e danças, fizemos uma viagem pelo Brasil sem sair daquele chão, presentificamos culturas vivas através das musicalidades, ali construídas, coletivamente. Buscando entender esse fenômeno, a palavra semeada por Nêgo Bispo, *confluência*, abriu o caminho.

A confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. (SANTOS, 2023, p.4).

O aspecto multicultural de em uma mesma roda se fazer samba, coco, jongo, e o que mais esse canto coletivo entoar, parece melhor compreendido sob a ótica do modo de se relacionar dos rios, elucidada pelo pensador quilombola. Nesse sentido, as culturas presentes na roda não deixam de existir porque confluem, ao contrário, passam a ser elas

⁴ Para mais informações acesse a conta @mata.inteira no Instagram.

⁵ Momento em que comecei a produzir minha saia de sambadeira.

⁶ Mãe Conceição de Ogum é Ialorixá do Centro de Umbanda e Giro Ogum de Ronda, em Paripe.

mesmas e outras, se fortalecendo através da *biointeração* (BISPO, 2023), isto é, buscando se relacionar com o meio, o tempo e o espaço, em que estamos inseridos. Desse modo, a pergunta que direciona o desejo de produzir o Samba da Mata e a Roda de Confluências é: como podemos nos fortalecer aqui?

Aqui: o contexto da Universidade Federal da Bahia

No ano precedente aos oitenta anos da UFBA, vemos o desenrolar de uma revolução epistemológica e política caracterizada pela valorização dos saberes tradicionais, a partir da inclusão plena dos mestres e mestras dos povos e comunidades tradicionais como docentes. Resultado da titulação de Notório Saber, diferente da titulação de Doutor Honoris Causa, que “apesar de transmitir grande prestígio e honra ao homenageado, não permite, por si mesmo, que ele possa atuar como professor na instituição que o homenageou” (CARVALHO, 2021, p.62). Dessa maneira, a presença dos mestres e das mestras na Universidade, incluem e valorizam saberes, conhecimentos e cosmovisões historicamente desqualificadas no âmbito acadêmico, dado a colonialidade e eurocentrismo nas instituições de ensino superior. Essa virada de paradigma celebra a diversidade cultural e promove a extensão das políticas de cotas, em que a Universidade atua unida à luta antirracista e decolonial.

Outro acontecimento que demarca esse momento da UFBA, foi o caso de Irma Ferreira. Professora substituta aprovada por meio de cotas raciais, mas que por um equívoco, foi afastada de suas funções no curso superior de Canto Lírico, após decisão judicial que questionou a legalidade da reserva da vaga a qual concorreu e ocupou. Para reverter a sentença, foi necessário o posicionamento de estudantes articulados com a comunidade acadêmica e a atuação jurídica do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (APUB). Essa batalha demonstra, que apesar das mudanças, a Universidade ainda é um território de disputas, em que se faz de grande importância, a luta articulada pela justiça social e equidade racial. Esse fator é elucidado pela professora Eurides Souza Santos:

Os cursos de Música das universidades públicas do Brasil, histórica e majoritariamente, têm sustentado modelos coloniais próprios da música do homem branco europeu, nos conteúdos programáticos, nas metodologias, nas perspectivas de formação do discente para o mercado e, especialmente nas características raciais dos docentes que atuam nesses cursos. Essa realidade coloca os cursos de música na contramão de uma luta pela diversidade humana e epistemológica do conhecimento musical que seja representativa dos grupos étnico-raciais presentes na população brasileira (SANTOS, 2020, p.191).

Eu vim do Rio de Janeiro para estudar a cultura popular no berço ancestral de Kirimurê⁷. Mas, adianto que não cresci com esse sonho. Tendo em vista, o ensino público superior como estratégia de emancipação e mobilidade social. Em 2019, ingressei na graduação em Psicologia através das políticas de cotas raciais na Universidade Federal Fluminense. Mas chega uma hora que a ancestralidade chama. E atender ao chamado, é colo e é caminho. Fui aprovada na transferência externa para cursar o Bacharelado Interdisciplinar em Artes, minha atual formação, com o foco em Teatro, Música e Cultura. Para tanto, grande parte do meu aprendizado vem das vivências com as comunidades que preservam as tradições das culturas vivas. Na Mata Inteira iniciei meus estudos em berimbau, samba no prato, triângulo e pandeiro. Buscando as rodas de Capoeira, os Sambas de Roda, e as performances negras, carregadas de tradição e memória, ampliei o valor da minha formação como artista e gestora cultural. Por outro lado, na UFBA, só cursei o primeiro componente ministrado por um professor negro, a partir do terceiro semestre de graduação, após transitar pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), pela Escola de Teatro (ETUFBA), pela Faculdade de Educação (FACED) e pela Escola de Enfermagem (EEUFBA). Encontrei Pedro Acosta na Escola de Música da UFBA (EMUS), pós doutor em Etnomusicologia Negra, que traz uma trajetória como sambista, iniciada antes de tornar-se acadêmico, e é parte de uma minoria negra entre os docentes da EMUS. O professor Pedro foi tutor do projeto Mata Inteira e as Culturas Vivas na UFBA, e me apresentou o campo da Etnomusicologia.

Para documentar a realização do projeto, trarei relatos de experiências como o exercício de uma auto-etnografia. Localizo o desejo em produzi-lô, a partir do contato com influenciada pelos encontros ao redor da Universidade bahiana, mas sem necessariamente ter um vínculo. Em setembro de 2024, conheci a Mata Inteira através do Samba de Roda, realizado dentro da programação do Encontro de Extensão em Letras. Lembro de chegar abalada após chorar no caminho. Era um momento de tensão no setor terceirizado da Universidade, e a falta da garantia dos auxílios de permanência abalou a comunidade acadêmica. Com as políticas de cotas houve um ingresso maior de estudantes de baixa renda, negros, quilombolas e indígenas no ensino superior. Entretanto, a inclusão não garante a permanência e pertencimento pleno dessas pessoas na universidade, visto que os estudantes cotistas estão em desvantagem quando o comparamos, descritivamente, com os estudantes

⁷ É o nome original dado pelos povos originários Tupinambás à Baía de Todos os Santos.

não cotistas, uma vez que os dois grupos possuem condições socioeconômicas distintas e essa diferença tende a se manter com o evoluir dos anos (NASCIMENTO; PEREIRA, 2014, p. 12). Nesse contexto, quem não tem condições de bancar a vida acadêmica, acaba sofrendo inúmeras inseguranças ao longo do processo de conquistar o ensino superior. No meu primeiro contato com a Mata Inteira pude vivenciar coletivamente, em roda, a manifestação cultural do Samba de Roda. Celebração que criou naquele espaço acadêmico hostil, o quilombo que eu precisava para me fortalecer.

Depois da roda, conheci o Centro Cultural e lá fui recebida com sorrisos, frutas, água de filtro de barro, chá das cinco e um convite para a aula de percussão, onde iniciei meus estudos do berimbau e do samba no prato. Dessa forma, como pontua Nêgo Bispo (2023), o quilombo não é decolonial, pois ele nunca foi colonizado, sempre foi um mecanismo contra-colonial, que não ficou no passado, continuou com o passar dos tempos, está presente aqui e agora, para que possamos cultivar o nosso presente e transformar o nosso futuro. Nesse sentido, estar aquilombada elucidou outros caminhos possíveis, para além de sucumbir ao sucateamento. Na Mata Inteira nos unimos através do aquilombamento, pertencendo à comunidade e atuando coletivamente na luta pela preservação cultural e ambiental, iniciadas pelo Mestre Ivan Machado, continuada pelo Mestre Luizão.

Culturas Vivas

Decidir me mudar para a Bahia a fim de aprofundar os estudos em Cultura Popular, acabou levantou muitos questionamentos acerca dessa nomenclatura e o que ela realmente é capaz de definir. Entre mulheres capoeiristas, a palavra cultura viva apareceu para mim como uma solução para definir as manifestações culturais presentes nas nossas confluências. Reconhecê-las como Culturas Vivas, pareceu mais alinhado com a premissa de que muitas são as epistemologias que constroem a cultura brasileira. A metodologia de ensino, aprendizagem e continuidade dessas manifestações culturais se dão pela oralidade, e portanto, seu aspecto vivo é atrelado aos fazedores e fazedoras dessa cultura, guardiãs desses saberes historicamente inferiorizados, em relação às epistemologias que sustentam a colonialidade. Por isso, buscar e possibilitar o protagonismo dessas outras epistemologias dentro do ambiente acadêmico é um importante meio de superar as marcas do racismo e do colonialismo.

As culturas vivas, que estão pulsantes em seu território, contam histórias protagonizadas pelos povos afro-diaspóricos e originários. Para além do binômio cultura



popular *versus* cultura erudita, identificá-las pelo aspecto vivo e pulsante da cultura que cria e é criada a cada ação articulada em comunidade. Nesse sentido, adotar o conceito de cultura viva comunitária amplia a concepção de cultura, abarcando as diversas manifestações populares e tradicionais que atravessaram as Rodas nesse projeto.

Durante a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura (MinC) em 2004, foi criado o Programa Cultura Viva (PVC), “um abre alas para um novo momento das políticas públicas de cultura brasileiras” (OLIVEIRA, 2018, p. 23), que adotou uma visão ampliada de cultura, reconhecendo-a como processo, e não só como produto. Dez anos depois, a aprovação da Lei nº13.018/2014 instaurou a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), reconhecendo e promovendo a diversidade cultural. O eixo central desse programa consiste nos Pontos de Cultura, priorizando o protagonismo, a autonomia e a participação social. Estes fatores tornaram o Brasil pioneiro na implementação de políticas públicas voltadas para as culturas vivas e comunitárias, o que influenciou outros países latino-americanos, onde a Cultura Viva Comunitária surgiu como uma demanda dos movimentos culturais (SANTINI, 2024). Nesse sentido, através da articulação cooperativa entre treze países ibero-americanos, a Rede IberCultura Viva, descreve o conceito central dessas ações da seguinte forma:

Ainda que o conceito “cultura viva” tenha surgido com a experiência brasileira dos Pontos de Cultura, na prática ele existe há décadas em milhares de comunidades da região. “Cultura viva comunitária” é, portanto, uma expressão criada para dar nome, sentido e visibilidade a dinâmicas culturais que vêm surgindo nos países ibero-americanos. Por que viva? Porque é pulsante, mutante, diversa. Por que comunitária? Porque é onde surge, onde se organiza. E porque a ideia é beneficiar prioritariamente os povos, grupos e comunidades em situação de vulnerabilidade social e com reduzido acesso aos meios de produção, registro, fruição e difusão cultural. (IBERCULTURA VIVA, 2024).

Sob essa lógica, o Centro Cultural Mata Inteira realiza diversas atividades, e vem movimentando a comunidade através do Samba da Mata. Essa manifestação celebra tradições e saberes afro-brasileiros ao recuperar narrativas das pessoas e comunidades subalternizadas na História do Brasil. Para tanto, desde 2005, o Samba de Roda é reconhecido pela UNESCO como Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Porém, inicialmente foi perseguido e criminalizado pelo Estado, conforme o documento datado de 25 de setembro de 1918, assinado pelo chefe de polícia Aurelino Leal:



Providências para a Festa da Penha. Uma força da Brigada Policial composta por 10 praças de infantaria e 6 de cavalaria seguindo uma outra de 30 praças de infantaria e 20 de cavalaria. Recomendo-vos, outrossim, que absolutamente não permitais o divertimento denominado "Samba", visto que tal diversão tem sido a causa de discórdias e conflitos. (Arquivo Nacional apud FRANCESCHI, 2010, p.33).

Ao promover o Samba de Roda, o Centro Cultural Mata Inteira atua salvaguardando essa tradição e estabelece um espaço de resgate, valorização e compartilhamento da Cultura que é viva, contínua e renovada pela comunidade. Visto que dividem o mesmo território, a proximidade do Centro Cultural com a UFBA, pode estabelecer uma relação de parceria, promovendo melhorias em ambas. Por isso, a investigação das culturas vivas através das musicalidade da Roda foi baseada no campo de pesquisa da Etnomusicologia Negra. Ao definir o que é Etnomusicologia, Eurides Souza Santos comunga com o pensamento de Jeff Todd Titon, e afirma:

O entendimento da etnomusicologia como “o estudo das pessoas fazendo música”, implica a diversidade – humana, social, cultural e musical –, as relações com o meio ambiente, com a moradia, com os direitos humanos, com a política, entre outros aspectos da vida das pessoas (SANTOS, 2020, p.185)

Nesta perspectiva, é enriquecedor para a academia buscar uma visão ampliada por diversos saberes, principalmente, aqueles que carregam a memória do território a qual está situada. Valorizando a diversidade cultural e construindo um saber interdisciplinar, contínuo e aberto à pluralidade e complexidade dos fenômenos musicais e culturais (SANTOS, 2020). Como recém chegada no mundo acadêmico, quero adotar uma postura reflexiva neste trabalho para analisar as implicações da minha prática como pesquisadora, em minha primeira ida a campo.

Eu já frequentava a Mata Inteira como agbezeira⁸, sambadeira e aprendiz. Mas não previ a mudança brusca no envolvimento com o território, quando se está presente como pesquisadora e produtora cultural. Nesse sentido, quando eu representei a UFBA mediando e gerenciando recursos para a realização do projeto Samba da Mata e Roda de Confluências, camadas históricas dessa relação pousaram em meus ombros. Quando me reuni com Luizão para apresentar o que escrevi sobre a Mata Inteira, fui conferir se as minhas palavras estavam de acordo com a história. Esperava pontuações como “está certo, ou está errado”, mas a grande questão da conversa com o Mestre e a comunidade presente foi a necessidade de recursos para que o Centro Cultural possa continuar atuando. Essa

⁸ Agbezeira (ou agbezeiro) é quem toca o agbê, instrumento musical afro-diaspórico, também conhecido como xequê.

urgência revela o passado dessa relação, marcada pela busca de pesquisadores e produtores que passaram por lá, sem comprometimento com a luta da comunidade. Essa tensão me fez perceber a importância de reafirmar que o trabalho em pesquisa e produção cultural para ser sustentável a longo prazo, precisa fortalecer a comunidade. Nesse sentido, a demanda atual da Mata ao enriquecer um trabalho externo é a realização de contrapartidas que atuem contribuindo para a superação da precariedade e da vulnerabilidade social enfrentadas pela comunidade. Além disso, Luizão ressaltou a necessidade de reconhecer o legado do Mestre Ivan, e de sempre que possível direcionar uma parte do recurso para a família de Ivan.

A partir daqui, trarei os relatos de experiência da fase de pré produção e das duas produções no Congresso e no Novembro Negro. Também compartilharei sobre alguns trâmites para a realização da Roda em ambiente acadêmico, a fim de de amparar futuras produções.

Pré-produção

Desde o início do projeto, realizamos encontros com a comunidade da Mata Inteira, e a orientação do Mestre Luizão no alinhamento dos encontros para a realização da Roda. Busquei contratar os serviços de pessoas da comunidade, como o exemplo das mídias de divulgação, criadas por Arruda, sambadeira, capoeirista e integrante da Mata Inteira. A divulgação consistiu na colagem de cartazes pela UFBA e pelo transporte universitário, além das mídias sociais: WhatsApp e Instagram, em que vinculamos o cartaz digitalmente, e um vídeo convidando para cada evento. Para mediar a Roda de Confluências, convidei mais duas artistas, aprendizes das culturas vivas: Letrícia e Dani de Iracema. Os ensaios aconteceram na Mata Inteira, e os principais instrumentos reunidos eram ganzá, prato, caxixi, maracá e pandeiro. Juntas, criamos momentos de compartilhamentos ricos, e observamos as semelhanças das culturas vivas pulsando conosco. Por exemplo, as cantigas em que o eu-lírico, tanto da Capoeira como do Jongo, rememora as terras de África de onde se veio, como Moçambique e Angola. Como é no ponto de Jongo:

Ô gente, nasci n' Angola
Angola que me criou
Eu sou neto de Moçambique, ai meu Deus do céu
Eu sou negro sim sinhô⁹

⁹ Ponto de Jongo de domínio público e autoria desconhecida até o momento. Coletada na primeira Roda de Confluências. Disponível no álbum Jongo do Vale do Café.

E no corrido de Capoeira:

Vim no balanço do mar lá de Angola
Vim no balanço do mar lá da Guiné
Vim no balanço do mar de Moçambique
Só quem veio sabe como é¹⁰

Subdividimos a Roda de Confluências em quatro momentos, e cada uma de nós ficou responsável em guiar cada momento. Eu fiquei responsável pelo Jongo e pelos Sambas de Terreiro, Letrícia pela Capoeira, Dani de Iracema pelo Coco, e nós juntas nos alinhamos para cuidar do horário, e firmar o compartilhamento e celebração durante todo encontro. Além dessas manifestações culturais, também desejamos trazer o Tambor de Crioula e o Boi do Maranhão, mas para cada manifestação cultural ter seu momento de aprofundamento em Roda, focamos somente no Jongo, na Capoeira, no Coco e no Samba de Terreiro. De fato, a Roda de Confluências é um espaço de celebração da existência e presença de cada uma dessas tradições.

Eu não tenho a vivência de uma Mestre Jongueira, não cresci nas comunidades jongueiras. No entanto, a forma como o Jongo atravessa a minha experiência, fortalece a minha identidade, e reverenciar essa manifestação cultural é reconhecer que o Jongo se manteve vivo todo esse tempo, graças às comunidades que o preservou e o compartilhou com as novas gerações. Partindo desse pressuposto, a Roda de Confluências foi proposta por aprendizes que buscam fortalecer a salvaguarda dessas tradições. Presentificar essas manifestações estabelece um espaço de ensino e aprendizagem, zelando pela nossa Cultura.

Além dos encontros presenciais, utilizamos um grupo de WhatsApp para compartilhar as letras das canções cantadas nos ensaios, e organizar os trâmites para os pagamentos. Com a liberação do recurso da Pró-Reitoria de Extensão antes do dia do Congresso, pagamos o cachê de quem trabalhou desde a pré-produção pela manhã, no dia da Roda, o que facilitou o transporte até a universidade e reforçou o reconhecimento do valor na presença das participantes.

Desde os ensaios, a Roda de Confluências crescia com a adesão das pessoas que participavam das atividades na Mata Inteira. Apesar do nosso olhar atento de mediadoras, havia uma horizontalidade entre todos os integrantes da Roda. Cada pessoa somava de sua maneira, podendo ser com palmas, trazendo cantigas, tocando um instrumento,

¹⁰ Refrão do corrido de Capoeira, de autoria desconhecida até o momento. Coletada nas Rodas espontâneas dos encontros de pré-produção na Mata Inteira.

respondendo ao coro e/ ou dançando. Esse modo de união e co-criação remete ao mecanismo do quilombo.

Segundo a historiadora Beatriz Nascimento (1980), no documentário “Ôrí”, de 1989, “quilombo” não é uma ideia localizada no passado e sim um *continuum* cultural de aglutinação. Reconhecendo que “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (NASCIMENTO, 1980, p.263), o aquilombamento como metodologia, retoma esse mecanismo enquanto tecnologia que possibilita a sobrevivência da nossa identidade e cultura. Nesse contexto, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político (SOUTO, 2021), trazendo para a Roda o protagonismo da narrativa dos povos subalternizados na história do Brasil, país cuja raiz civilizatória foi sustentada às custas do trabalho escravo e da exploração colonial.

A alimentação e hidratação disponibilizada nas Rodas e nos encontros de preparação também foram organizadas nesse momento prévio. Esse cuidado é a continuidade de um aprendizado do modo de aquilombamento que pude vivenciar na Mata Inteira. Desde que cheguei nesse território observei e participei da mobilização coletiva pelo cuidado à saúde através da alimentação. Nesse sentido, para comemorar em roda, é importante que cada integrante possa se nutrir bem. Percebo essa atitude como uma prática contra-colonial, muito presente nas comunidades de terreiro - o *Ajeum*. Foi um cuidado voltado para os artistas e para o público-atuador, visto que a Roda é um organismo vivo e coletivo. Presente nas duas edições, esse momento de nutrição foi fundamental na execução do projeto, e é resultado da influência da metodologia aquilombada ao fazer cultura.

Na pré-produção da Roda na EMUS, solicitei a permissão da utilização do pátio da Escola, através do envio de um e-mail para o diretor da Escola, e encaminhado em cópia ao tutor do projeto Pedro Rosa, docente do departamento de Pós-Graduação em Música (PPGMUS), à PROEXT e ao departamento de Arte e Cultura da UFBA. Acordamos o dia, o horário e a capacidade máxima do público em cinquenta pessoas. Como o campus fica no bairro Canela, foi necessário assegurar uma parte do orçamento para o transporte dos tambores e dos integrantes da Mata Inteira. E, diferente da primeira Roda, o atraso no repasse da última parcela do recurso, acabou adiando o pagamento de todos os cachês.

A Roda no Congresso UFBA

A primeira Roda foi realizada no dia 04 de setembro de 2025, durante o Congresso

Acadêmico com o tema *Imaginar Futuros: desafios da emergência climática*. Convidei o Samba da Mata Inteira para trazer a tradição do Samba de Roda orientada pelo Mestre Luizão, que me entregou a tarefa de puxar os cantos que deram início ao samba. Percebi que após um ano participando do Samba, todas as canções que cantei foram aprendidas através da oralidade. A vivência dessas canções já faziam sentido na minha experiência cotidiana, e quando precisei ali estavam: da memória ao canto, fortalecido pela resposta do coro. Ensaíamos o samba de roda algumas horas antes de começar, e depois, guiei um aquecimento vocal com o objetivo de uma preparação holística para a festa, através da respiração consciente e do envolvimento com a natureza da Mata Inteira. Aquecidos, começamos a levar os instrumentos e as comidas para a Praça das Artes. Local entre a Biblioteca, o Restaurante Universitário e os pavilhões de aula do campus Ondina. Nessa viagem encontramos a Mestra Dan Dara do Kilombo Canzuá de São Benedito e Angola¹¹, localizado no Alto da Sereia. Ela nos ajudou na ocupação da Praça das Artes e acompanhou toda a vivência, participando ativamente e assumindo o berimbau Gunga, tradicionalmente tocado pela Mestra de Capoeira, responsável por conduzir o *axé* da Roda de Capoeira.

Iniciamos o Samba da Mata onde os pés sentiam o chão e as raízes saltando da terra. Estávamos rodeadas por árvores, e ao fundo, a obra “Colheita do Amor” criada pelo artista muralista Sagaz, com a imagem da Dona Dalva do Samba e seu olhar alegre permeando todo o encontro. Durante o Samba, recebemos Mestre Ecinho do Acupe¹² e seu grupo Desmancha Chiada, que puxou o Samba Chula, assim que o Mestre Luizão finalizou o Samba da Mata. Esse momento não estava na programação inicial, mas não havia dúvidas da honra de receber o Samba Chula na nossa Roda, que musicou todo o momento do Ajeum.

Quando o Sol estava se pondo, aproveitamos o envolvimento do público com o Desmancha Chiada para mudar o local da Roda de Confluências, a fim de garantir a iluminação durante a noite. Também conseguimos negociar com a programação do Congresso, o ganho de mais uma hora na nossa atividade. Ao final do Samba com Mestre Ecinho, já estávamos a postos para começar a Roda de Confluências, então, cantei dois pontos de Jongo, e no terceiro, chegou Mestra Jociara, liderança jongueira do Grupo Filhos da Semente, filha do Mestre Tio Juca de Barra do Pirai, no Rio de Janeiro. Foi um presente ancestral ter Jociara à frente do Jongo na Roda de Confluências, visto que sua conexão com o Jongo vem de família, e tudo que foi compartilhado foi um vasto conhecimento sobre

¹¹ Ponto de Cultura e Centro de Tradições Vivas localizado em na comunidade do Alto da Sereia, em Salvador.

¹² Distrito histórico do município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano.

essa manifestação, pouco conhecida no nordeste brasileiro. As cantigas do Jongo nos contavam a nossa história, permeada por uma poética cifrada, que guarda memórias da diáspora e do passado escravocrata, assim como a fé e a resistência negra. Ela estava acompanhada de Verônica Mukuna, ativista cultural do Nosso Kilombo¹³ e Ganhadeira de Itapuã.

A presença das Mestras encantaram a nossa Roda e reforçaram a união da força e do encanto a favor do propósito coletivo de preservação da cultura e da memória afro-brasileira. Depois do Jongo, confluímos com os Pontos de Terreiro, e para abrir esse momento, cantamos o Samba Enredo vencedor de 2022, “Fala Majeté”, de Acadêmicos da Grande Rio. Nesse momento, Mestre Verônica compartilhou cantigas e gingados, um momento que o centro da Roda voltou a encher com as danças do público. Um momento que não queria acabar. Porém, capoeiristas do público já esperavam ansiosamente o seu momento de vadiar. Muitos eram aprendizes do Mestre Nô, Notório Saber reconhecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que na época, realizava os treinos do seu Grupo Angola Palmares na Faculdade de Educação da UFBA. Então, seguimos para o momento da Capoeira, com a liderança da Mestre Capoeira Angola Preta Kalunga, e o preenchimento do centro da Roda com os jogos de capoeira. Havia pessoas. E, por último, em um tempo menor, fizemos a confluência com os cocos de roda e os torés. Ao analisar os registros fotográficos, vimos que neste momento uniram-se à Roda duas pessoas portando cocares.

A presença das mestras e do mestre aconteceram após as suas participações em outras atividades no Congresso. Esse fator caracterizou a primeira edição do Samba da Mata e Roda de Confluências como um momento de grande aprendizado. As divulgações mobilizaram o público-alvo interessado nas culturas vivas. Mas, a alta circulação de pessoas naquele dia e local foi principalmente, por conta da vasta e multifacetada programação do evento, o que nos possibilitou uma rica diversidade no público da Roda, unindo pessoas negras, não negras, indígenas, LGBTQIAPN+, crianças, gestantes, estudantes da Universidade e servidores.

A Roda na EMUS

A segunda realização aconteceu na Escola de Música da UFBA, no dia 08 de novembro, pela manhã. Ao chegar, uma árvore no centro do pátio nos recebeu com um

¹³ Coletivo de Samba de Roda e zelador das manifestações culturais de Itapuã.



tapete de flores miúdas e amarelas. A ação configurou uma estratégia política de reivindicar a agenda do Novembro Negro dentro da instituição. Acordamos com a direção de realizar o evento no sábado, o que evitou o choque com a programação das aulas ministradas no campus, mas acabamos encontrando a Escola mais vazia do que durante a semana. Havia poucas classes naquela manhã, e uma delas era somente de crianças, que observavam curiosas, mas objetivamente foram direcionadas à sala pelo professor, que alertava sobre estarem nos últimos ensaios para um concerto final. Alguns responsáveis acompanhantes das crianças, observaram a Roda ao longe, faziam registros, mas não aderiram de maneira direta, ou seja, formando a Roda conosco. Somente no momento da Capoeira, uma criança pediu à mãe que a ajudasse a entrar na roda para jogar.

A preparação desse dia foi atravessada pela chacina do Rio de Janeiro, ocorrida após a Operação policial Contenção que deixou cento e vinte e um mortos nos Complexos da Penha e do Alemão, no final do mês de outubro. Nesse contexto, desde os encontros para ensaio, esse assunto foi uma pauta necessária para refletir sobre a realidade violenta do país. Então, a nossa união no dia 8 de novembro foi um momento de lamento, mas também, de fortalecimento. Assim, apesar da violência e do epistemicídio que tenta apagar a nossa cultura, estávamos unidos atendendo a um chamado ancestral, e revolucionando aquele espaço de saber acadêmico, abrindo a roda para protagonizar as culturas vivas, e os corpos dissidentes que zelam por elas. O público-atuador presente neste encontro, esteve, em maioria, participando também da Roda realizada durante o Congresso. Caracterizando a Roda de Confluências por um coletivo diverso de pessoas dedicadas a zelar pela sua cultura e identidade afro-originária. Após o final da Roda, nos reunimos para comer e conversar, mas vale lembrar que sempre ao recepcionar quem chegava, pontuava o café da manhã à disposição. Com a autorização dos presentes, registrei os áudios do Ajeum, e fiz perguntas sobre a experiência e a sensação presente. Dentre as falas compartilhadas, um relato reafirmado coletivamente foi o sentimento de estar com mais vontade de viver. Também reconhecemos a capacidade própria em se organizar em Roda e reivindicar a sociedade que queremos, sem precisar de uma voz de comando ou figura de autoridade. Essa autonomia é parte do aprendizado e de fundamentos passados através da oralidade, guardados e transmitidos pelos mestres e pelas mestras de saberes.

É importante falar da alteração no trio puxador da Roda de Confluências nesta edição. A pandeirista Dani de Iracema estava na reta final de sua gravidez, e por isso, Samaráh, multi-artista do coletivo Capoeira Para Todes, integrou essa frente na mediação

conosco. Essa presença trouxe a Cultura Ballroom, movimento político, artístico e social criado pelas comunidades negra e latina LGBTQIAPN+, entre as décadas de 1960 e 1970. O destaque identitário do movimento ballroom é percebido em seu senso de comunidade, envolvendo cumplicidade, acolhimento e representatividade (NALIN, 2023), e aqui no Brasil, é protagonizado principalmente por pessoas trans¹⁴. Durante a pós-produção, as participantes do coletivo Capoeira Para Todes usufruíram dos últimos momentos daquele espaço de confluência para se expressar, e trazer novas musicalidades para Roda. O coro cantava cantigas de Capoeira, mas o ritmo era outro, com batidas rápidas, sons metálicos e improvisos narrativos. O corpo dançava capoeira vogue, movimento disseminado por Puma Camillê, diretora do coletivo multiartístico. A confluência entre a capoeira e a cultura ballroom demonstra mais uma das interações possíveis, dado a diversidade cultural do nosso território.

No mais, a primeira Roda de Confluências realizada em setembro, deixou uma série de aprendizados com as mestras e os mestres da Cultura. E, nesse encontro, tivemos a oportunidade de experimentar na prática o que nos foi ensinado. Junto a isso, a mobilização pela agenda do Novembro Negro, fizeram deste um acontecimento histórico no pátio da Escola de Música da UFBA, que apesar de estar na cidade de Salvador, dá pouco enfoque às musicalidades negras e afro-originárias.

Considerações Finais

Inicialmente o objetivo deste artigo era investigar quais são as culturas vivas presentes no território da Universidade Federal da Bahia, mas, no desenrolar das vivências, foi percebido que neste momento, é mais interessante documentar a existência dessas diversidades culturais, e discorrer sobre a presença e o fazer arte em comunidade, sob o viés da inclusão e da valorização de outras epistemologias. O que não implica a superiorização de uma em detrimento do apagamento de outras. Mas sim, a promoção de ações de cunho contra-colonial, que ofereçam espaço para o compartilhamento dos saberes das culturas vivas dentro da Universidade e ao redor do seu território. Foi de grande valia em minha formação, atuar na mediação entre o Centro Cultural Mata Inteira e a Universidade Federal da Bahia. Unimos Mestre Luizão, nativo do Alto da Sereia; Mestra Dan Dara do Maranhão; Mestre Ecinho do Acupe, no Recôncavo Baiano; Mestra Jociara de Barra do Piraí, no Rio de

¹⁴ Palavra guarda-chuva para identidades travestis, transsexuais e transgêneras.



Janeiro; e, Mestre Verônica, de Itapuã. Essas presenças articularam de forma ampla e profunda, diálogos com os saberes historicamente silenciados, transgredindo bases epistemológicas e filosóficas impostas pela colonialidade, que perpetuam um modelo único, eurocêntrico. Nesse contexto, a orientação do Mestre Luizão e os aprendizados com a comunidade da Mata Inteira me mostraram um outro modo de articulação coletiva: o aquilombamento, tecnologia contra-colonial que perdura até hoje, e nos relembra que é nosso direito e nossa luta construir espaços de fortalecimento e pertencimento. Esses espaços tem solo fértil para as confluências musicais e culturais acontecerem, onde a prática musical está diretamente ligada ao direito de existir e à auto expressão, em comunidade. Com a captação de áudio, recolhemos registros etnográficos dos dois eventos, reunindo cento e quinze canções, recolhidas entre setembro e novembro de 2025. Destas, cinquenta e oito são Sambas de Roda; vinte são pontos de Jongo; dezoito são corridos de Capoeira; doze Cocos, diversificando entre o Coco de Roda, os Sambas e os Torés; seis são Pontos de Macumba; e, um Samba Enredo. Deste modo, um novo objetivo surgiu: Realizar mais Rodas de Confluência e reunir mais registros fonográficos para a criação de um livro das cantigas de Roda, sendo assim, um documento que guarda a existência dessas canções pelas nossas confluências, e também, devolve à comunidade o resultado dessa parceria. Em uma próxima edição, parece interessante dedicar tempo de escuta sensível para descobrir como as pessoas presentes receberam o chamado das culturas vivas. E, dada a circularidade nessas tradições, saber quem está fazendo a Cultura rodar e como faz, abre caminhos para uma pesquisa de protagonismo comunitário, articuladora de estratégias para a captação e redistribuição de recursos, com o objetivo de salvaguarda e preservação cultural.

Visto que a Universidade tem um papel político e social fundamental na produção de novas formas de pensar o mundo. Reconhecendo também o passado das instituições de ensino superior e sua atuação na contramão da diversidade, ao desqualificar o conhecimento produzido pelas comunidades, e sobressair o conhecimento científico positivista e acadêmico formal. Situar os oitenta anos da UFBA, com enfoque nas políticas de cotas e programas de permanência. Celebrando o Prêmio Notório Saber com a inclusão dos mestres e mestras, guardiãs das culturas vivas comunitárias, e o envolvimento da Universidade com a comunidade desses mestres e mestras, demonstra como essa relação ocorre. A relação da Universidade com os saberes tradicionais não deve ser de subalternização, e portanto, é imprescindível que essa troca incentive o protagonismo daqueles e daquelas cuja história ousaram apagar, e a existência invisibilizar, mas que ainda assim continuam aqui. A Roda de



Confluências inclui essas pessoas porque acontece em dinâmicas sociais, que valorizam a expressão artística comunitária, reconhecendo a diversidade cultural e a luta popular para que os saberes tradicionais continuem presentes até os dias de hoje. Abrir-se para o envolvimento com as comunidades e saberes que chegam no ambiente acadêmico, promove discussões acerca do pertencimento e da permanência. O projeto realizado trouxe para o centro da Roda, a diversidade de epistemologias afro-originárias que compõem a cultura brasileira, cantando narrativas historicamente silenciadas e invisibilizadas.

Apesar do desgaste em aprender a caber na estrutura burocrática do meio acadêmico, foi muito extasiante acessar o recurso financeiro e repartir com quem faço frente os modelos coloniais de desigualdade social. A Roda é um lugar de encontro. Nela crescemos para caber toda a gente. E, podemos enxergar cada pessoa presente, assim como elas conseguem nos ver. O orçamento planejou o aproveitamento total do valor recebido pela PROEXT, mas foi necessário o aporte de recursos próprios para viabilização do custo final com a alimentação. Vale compartilhar que o ajeum foi composto por raízes cozidas, bolos de biomassa de banana-da-terra, cuscuz bem incrementado, ovos e sempre tinha um doce de São Cosme e Damião. As bebidas eram sucos naturais, chás, água de coco, café e água mineral, que esteve disponível para todos durante a Roda. A produção da logística foi um trabalho de várias mãos, várias pessoas que já zelavam pela sua Cultura, e continuam. A escrita do projeto também foi feita com o apoio de Dani de Iracema e Letrícia. O nosso aquilombamento trouxe muita força.

O Samba da Mata e a Roda de Confluências foi um produto cultural realizado na UFBA, mas é, antes de tudo, um movimento ancestral protagonizado por epistemologias outras, que carregam a história sob o viés dos povos afro-diaspóricos e originários. As comunidades que zelam pelas culturas vivas, exerceram papel fundamental na idealização do projeto e nas ações de continuidade desses saberes com o passar do tempo. O movimento de confluência permite outros modos de se relacionar com as diferenças e coexistir em diversidade, visto que é uma força que rende, que aumenta (SANTOS, 2023). Compreensão imprescindível ao lidar com a rica diversidade cultural brasileira. Foi justamente a riqueza desse compartilhamento de saberes que me motivou a propor esse projeto. Aquilombados, estabelecemos uma forma contra-colonial de ir além das formas clássicas de conhecimento, próprias do espaço acadêmico. Deste modo, a ação valorizou a expressão artística coletiva, e promoveu o resgate de narrativas historicamente silenciadas e invisibilizadas.



Foi extraordinário viver esse movimento e perceber que somos um povo múltiplo e diverso. Começo a ter um novo senso de responsabilidade ao circular tradições e manifestações culturais de uma comunidade. É preciso valorizar esses saberes e promover o pertencimento e autonomia das pessoas e comunidades que mantêm a Cultura viva. Em Roda, o indivíduo e o coletivo tornam-se instâncias imbricadas e entrelaçadas nas dimensões física, mental e espiritual, partilhando a experiência de “comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SANTOS, 1983, p. 18). Nesse sentido, as confluências epistemológicas através da Roda, contribuíram para o fortalecimento identitário ao oferecer um espaço de disseminação e valorização das culturas vivas. Neste primeiro trabalho acadêmico, me dediquei à documentar o projeto Mata Inteira e as Culturas Vivas na UFBA. Que essas palavras possam ter transmitido a riqueza dos compartilhamentos vividos. No mais, tenho pistas de que a vivência inteira só se pode viver vivendo.

Referências

ANDRADE, João Caetano Brandão. CapoeiraVogue e Malandragem 2.0: uma entrevista com Puma Camillê. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 33, n. 2, p. e227168, 2024. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/227168>. Acesso em: 26 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 1, 23 jul. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113018.htm. Acesso em: 16 jan. 2026.

CARVALHO, José Jorge de. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais: Uma Revolução no Mundo Acadêmico Brasileiro. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 54–77, 2021. DOI: 10.35699/2316-770X.2021.29103. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/29103>. Acesso em: 22 dez. 2025.

FRANCESCHI, H. Samba de sambar do estácio (1928 – 1931). Rio de Janeiro: Ed. IMS, 2010.

IBERCULTURA VIVA. Conceito. IBERCULTURAVIVA, 2024. Disponível em: <https://iberculturaviva.org/o-programa/#4-section>. Acesso em 27 de janeiro de 2026.

LIMA, Deborah Rebello; RODRIGUES, Luiz Augusto F.; SEMENSATO, Clarissa; VARELLA, Guilherme; VILUTIS, Luana (org.). Entremeios de uma Cultura Viva: entrelaçamentos entre a PNCV e o pós-IV CNC. Niterói, RJ: LABAC – Laboratório de Ações Culturais da Universidade Federal Fluminense; Instituto Grão, 2025. (Coleção Mirante, 13). ISBN 978-65-991609-6-7.

LIMA, Marcia; CAMPOS, Luiz Augusto (orgs.). O impacto das cotas: duas décadas de ação afirmativa no ensino superior brasileiro. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2025.

NALIN, Vinícios. Bem-vindos ao baile! O Ballroom como símbolo de identidade e representação queer. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 9, n. 1, art. 2395, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://claec.org/relacult/relacult/article/view/2395>. Acesso em: 22 maio 2024.



NASCIMENTO, J. D.; PEREIRA, S. R. S. O perfil dos estudantes cotistas da UFBA: um estudo descritivo. GT11: Política de Educação Superior .XXII EPENN (Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Natal, 2014.

SANTINI, Alexandre. Cultura Viva Comunitária e políticas culturais emancipadoras na América Latina. Revista Boletim do Observatório da Diversidade Cultural, Belo Horizonte, v. 101, n. 1, 2024. Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/boletins/>. Acesso em: 16 jan 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora: Piseagrama, 2023. 112 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf. Acesso em: 19 set. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015. SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília, INCTI/UnB, 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em: 7 nov. 2025.

SANTOS, Eurides de Souza. Racismo institucional e estrutural no campo acadêmico da Música: Reflexões e proposições. In: CANDUSSO, Flavia. (Org.) 30 + 30 [trinta mais trinta]: Pós-graduação & música . Salvador: Edufba, 2020. (Série Paralaxe; 5), p. 183- 193. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33438/1/30%2b30-serie-paralaxe-5-RI.pdf>. Acesso em 01 jul 2025.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombamento: um referencial negro para uma gestão cultural insurgente. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36117/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Aquilombamento_Aprovada_06.01.22_St%C3%A9fane%20Souto_Revisada_Ficha%20catalogr%C3%A1fica.pdf. Acesso em 01 out 2025.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TURINO, C. Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.